

RESPOSTA ESPERADA – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

Questão 1

a)

A representação aludida é a de que o dicionário é o “pai dos burros”, associando o uso do dicionário à ignorância. Dito de outra forma, o dicionário serviria a quem não conhece a língua ou, mais do que isso, a quem a conhece mal.

É inadequado associar ignorância ao uso do dicionário: a representação pressupõe que as pessoas possam conhecer todas as palavras de uma língua e seus significados, ou ainda, que o dicionário possa conter todas as palavras e significados de uma língua. Diferentemente, o dicionário é um objeto histórico e só imaginariamente poderia conter todas as palavras e os significados de uma língua, que também é histórica. O dicionário, assim como qualquer outro instrumento linguístico, é resultado de interpretações sobre a língua e não um retrato da realidade dessa língua, além de ser um importante instrumento de consulta.

b)

“Pra burro” é frequentemente associado à intensidade, quantidade, ao advérbio ‘muito’. Assim, a expressão “bom pra burro” significa ‘muito bom’. Ao vir junto à imagem de um dicionário, permite a associação à expressão “pai dos burros” (representação estabilizada de dicionário). O humor é provocado, portanto, pela convivência das duas associações no uso da expressão, colocando lado a lado a qualidade de ser muito bom e a imagem estereotipada de ser destinado a pessoas burras.

Questão 2

a)

Mafalda: “estrangeiro” refere-se a todos os países com exceção da Argentina (ou seja, o seu país) independentemente de quem fala (do enunciador).

Manolito: “estrangeiro” refere-se a qualquer país dependendo de quem fala (do enunciador). No caso específico, refere-se à própria Argentina, país de migração do pai de Manolito.

b)

deixar, veio, o país, um país, (Pátria) dele, (pra) cá, este (não é um) país.

Observa-se que “o país”, que ocorre na primeira fala de Mafalda, é retomado diferentemente por Manolito e Mafalda. O primeiro retoma o termo a partir da generalização (todo e qualquer país) e a segunda, de maneira específica (a Argentina). Além disso, “dele”, “cá” e “este” marcam a perspectiva de quem fala (o “Eu”). Assim, na referência de “estrangeiro” construída pela personagem Manolito, “dele” e “cá” constroem a diferença espacial entre a localização do país de origem e a do país de destino do pai da personagem (nesse caso, a Argentina é o país estrangeiro do pai de Manolito): a presença do verbo “vir” marca bem esse movimento de fora para o aqui. Por outro lado, “este”, ao marcar a proximidade do objeto (país) com o “Eu” que fala (Mafalda), localiza a personagem na Argentina, e por isso o verbo “deixar” marca bem o movimento do aqui para fora. Obs.: O candidato precisará explicar o papel de apenas duas das palavras (necessariamente relacionadas à perspectiva de Mafalda e de Manolito).

RESPOSTA ESPERADA – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

Questão 3

a)

O paradoxo consiste no fato de que o contato com a escassez de bens de consumo implica a satisfação de ter esses bens que ativa ainda mais a necessidade e o prazer de ser um consumidor eficiente. O que soa ainda mais paradoxal é o fato de os turistas afirmarem que, após essa experiência, passam a dar valor ao que realmente importa.

b)

O trecho em itálico deve ser reescrito integralmente em discurso indireto e escrita formal, sem a presença de marcas típicas da linguagem coloquial. Várias são as possibilidades dessa reescritura, dentre elas:

O guia afirmou que o turismo na favela é um pouco invasivo. Anda-se em ruelas apertadas nas quais as janelas abertas expõem os moradores a turistas inconvenientes, que invadem a privacidade alheia, gerando mal-estar. A propósito, o guia relatou o que foi presenciado por um colega de trabalho durante uma visita: um turista introduziu sua mão pela janela de uma casa e abriu a tampa da panela de uma moradora que cozinhava no momento. Irritada, a moradora o repreendeu com um tapa em sua mão.

Questão 4

a)

Habitualmente, o mapa-múndi, também chamado de “globo”, é representado por uma esfera. O GLOBO é o nome de um jornal diário impresso. Na propaganda, o mapa-múndi está na forma de um cubo, enquanto a esfera, mesmo guardando algumas marcas de mapa-múndi (contornos dos continentes, por exemplo), ressalta a imagem do jornal O GLOBO. Nessa contraposição, articulada ao enunciado, temos o quadrado relacionado a conservador, retrógrado, e a esfera a avançado. Isso permite associar O GLOBO (jornal) com o mapa-múndi (globo), explicitando sentidos para o jornal como, por exemplo, o de ser avançado, moderno, à frente do seu tempo, o de possuir uma cobertura internacional, estar inserido na globalização, etc. Deve-se acrescentar outra possibilidade de associação entre as imagens e o enunciado, qual seja, a de uma antiga representação da terra como plana (simbolizada pela forma cúbica) em oposição à concepção atual (simbolizada pela forma esférica).

b)

O jornal é moderno, antenado, inovador. Essas características são construídas pela associação do nome próprio “O GLOBO” a “avançado”, em contraste com o substantivo comum “globo” associado a “quadrado” (conservador, tradicional, antiquado, retrógrado). As imagens (mapa-múndi quadrado e o globo terrestre com vestígios do jornal O GLOBO) reforçam essa associação. Essa associação também pode ser enfatizada pela referência à oposição entre a antiga e a atual representação da terra, conferindo ao jornal O GLOBO, pela metáfora da ciência, a característica do progresso, do moderno, do inovador, de estar além de seu tempo.

Questão 5

a)

O pressuposto é o de que a unificação ortográfica garantiria a unidade linguística. Esse pressuposto é inadequado, uma vez que a língua não é constituída apenas por sua ortografia mas também por aspectos semânticos, sintáticos, morfológicos, fonológicos e discursivos que implicam na relação histórica do falante com a língua que se territorializa em um dado espaço e tempo.

b)

A quebra se dá na dificuldade de compreensão semântica de itens lexicais da língua portuguesa europeia como “bicha”, “bica” (que no português brasileiro têm significados diferentes) e “peúgas” (que não pertence à língua portuguesa do Brasil); explicita-se nessa quebra uma das várias diferenças entre o português brasileiro e o europeu.

RESPOSTA ESPERADA – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

Questão 6

a)

Várias são as paráfrases possíveis. Algumas delas são: Não leve um produto inferior como um produto superior; não leve uma coisa pensando que é outra; não confunda coisas que são parecidas, mas diferentes; não compre um produto que só tem aparência de bom.

b)

Na primeira ocorrência, “Bom Bril” é nome próprio e na segunda, substantivo comum, pois o nome próprio é resignificado como nome genérico (palha de aço), ou seja, usa-se a marca pelo produto. Observamos, nessa circularidade, aliada à expressão “não leve gato por lebre”, uma escala valorativa (tipo “Brastemp”), mostrando o produto como “ímpar” em sua categoria, não igualado pelos demais, ou seja, Bom Bril é lebre e os concorrentes são gatos.

Questão 7

a)

Na comparação proposta pelo trecho citado, Iracema, a virgem de Tupã, seria vista como uma espécie de Eva indígena que, como no Gênesis, seduz Martim (equiparado a Adão) não propriamente com o fruto proibido, mas com o licor da jurema. A fuga e a perseguição dos amantes seriam os equivalentes da queda e da consequente expulsão do paraíso na narrativa bíblica. Por associação ao mito bíblico, também se poderia dizer que cai sobre Iracema o castigo do *parto com dor*, que marca o nascimento de Moacir, “filho do sofrimento”.

b)

O novo redentor seria representado por Moacir, filho de Martim e Iracema, que, além de ser o primeiro cearense, é o primeiro mestiço, representando assim não só o nascimento de um novo povo (o brasileiro), mas a possibilidade de uma união harmônica entre as duas raças (a do colonizador e a do colonizado).

Questão 8

a)

O rigoroso ascetismo diz respeito ao modo como João Romão, no seu delírio de enriquecer, enfrenta, com ardor e resignação, o trabalho duro, a vida austera e as maiores privações, abdicando do mínimo conforto. As formas de exploração vão desde a edificação das casas do cortiço (com o roubo dos materiais de construção), o modo como explora os moradores e os trabalhadores da pedreira, obrigando-os a comprar na sua venda, onde são extorquidos, até o roubo direto, como no episódio do incêndio, em que se apodera à força das garrafas cheias de dinheiro que Libório avaramente guardou por toda a vida. Isso sem falar na exploração de Bertoleza, referida no próximo item.

b)

A “mulher-escrava” é Bertoleza, que acompanha a ascensão de João Romão como amante e como escrava (no “papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante”), ajudando-o a enriquecer às custas dos rendimentos obtidos com sua quitanda. É enganada por ele, pois entrega-lhe os lucros de seu trabalho para comprar sua carta de alforria do antigo senhor. Romão se apropria do dinheiro, apresenta-lhe uma carta de alforria falsa e, quando ela se torna um empecilho a suas pretensões de se casar com Zulmira, ele a denuncia como escrava foragida. Quando Romão tenta entregá-la ao antigo dono, forçando seu retorno à escravidão, Bertoleza foge pelo suicídio.

RESPOSTA ESPERADA – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

Questão 9

a)

A comparação incomoda sinha Vitória não só porque enfatiza, aos olhos do marido, a imagem desengonçada e mesmo ridícula da matuta desacostumada com o uso de calçados (ainda mais de salto alto!), mas, sobretudo, porque traz a lembrança do papagaio que acompanhava a família de retirantes em sua errância e que, logo no primeiro capítulo do romance, fora sacrificado por ela para “aliviar” a fome de todos, inclusive da cachorra. A culpa pelo ato “bárbaro” (afinal o papagaio era como se fosse *um dos seus*, assim como a cachorra Baleia) torna o assunto uma espécie de tabu entre todos, embora sua lembrança esteja sempre presente.

b)

O nome sugere alguém que vence, triunfa ou realiza seus ideais, exatamente o oposto da trajetória e da condição efetiva de sinha Vitória. O excerto trata de demonstrar como tudo em sua vida resultou em fracasso. Nesse sentido, a cena do cuspe é emblemática de toda a trajetória da personagem (e mesmo de toda sua família), que vive na miséria absoluta do retirante expulso pela seca, sem possibilidade de obter sequer alimento, trabalho e pouso certo, que dirá a tão sonhada cama de couro, que, inclusive, aponta para o quão pobres são os próprios desejos da personagem. A outra personagem que revela ironia no nome é a cachorra Baleia, por sua magreza extrema e pelo fato de viver no sertão.

Questão 10

a)

Não, a forma é clássica, mas o tema e a linguagem são bastante prosaicos. O título do soneto sugere um assunto elevado, como se o eu lírico quisesse revelar seus sentimentos e pensamentos mais íntimos num nível de linguagem e estilo condizentes, solenes. Mesmo a cena de abertura do eu caminhando pelos campos lembra os tradicionais poemas meditativos, em que o poeta se ocupa da contemplação da paisagem, entregando-se a altas ou sublimes reflexões em sintonia com seus sentimentos mais íntimos. No entanto, a “intimidade” que ele, por fim, revela ao leitor é das mais banais: a cumplicidade da *mijada* (atente-se ao nível vulgar dos termos) *em comum numa festa de espuma* que iguala o poeta (e o homem em geral) aos demais animais. Esse rebaixamento produz o humor presente no soneto. Nesse humor ou ironia está o traço de modernidade do poema, que entra em dissonância com a solenidade da forma clássica. Ainda em termos de linguagem, pode-se destacar como o eu, buscando enfatizar a beleza do cenário natural, acaba recorrendo, também de forma irônica, a um vício de linguagem: a redundância ou o pleonasma em *muito azul demais* e *o peito nu de fora* – que, embora empregado em uma situação de fala mais informal, seria inaceitável num texto escrito tão elaborado quanto um poema (ainda mais um soneto clássico!).

b)

Nos quartetos, essa identificação é preparada pelos gestos ou ações do eu lírico que lembram o comportamento típico dos bois: ele segue, de peito nu, pelo pasto, agora mastigando capim (1ª. estrofe) e desce no vau de um rio para beber a água na fonte (2ª. estrofe). Já nos tercetos, essa identificação se confirma pelo modo como vacas e bois olham *sem ciúme* para o eu perto deles nos currais, pela própria cumplicidade da *mijada em comum* e, sobretudo, pelo emprego da 1ª. pessoa do plural pelo eu lírico para se referir a ele e aos bois e vacas como sendo todos *animais*.

RESPOSTA ESPERADA – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

Questão 11

a)

Zé Fernandes compara o encantamento de Jacinto com o que um homem sente diante de uma bela mulher que ainda não lhe revelou seus defeitos. Tal comparação revela que o encantamento que Jacinto sentia pelas serras, causado afinal pelo tédio e pela saciedade que trouxera de Paris, o havia impedido até então de suspeitar que aquela beleza escondia uma chaga – representada pela pobreza em que vivia uma boa parte da população daquela região. Revela também que o ponto de vista do narrador Zé Fernandes é mais limitado que o de Jacinto, pois aquele já conhecia essa realidade, mas não dá mostras de se incomodar com ela, embora tenha em outras ocasiões se mostrado indignado com a pobreza em Paris.

b)

A descoberta da chaga provoca uma profunda mudança em Jacinto. Ele deixa de ser apenas um rico proprietário que desfruta das vantagens de seu nascimento e supera o tédio vital de que tinha sido acometido – até então o único responsável por seu encantamento diante da serra – pela ação social. Nesse sentido, a descoberta da pobreza mudou a atitude de Jacinto da contemplação passiva para a intervenção ativa.

Outra possibilidade é argumentar que a transformação de Jacinto não é tão radical quanto parece, e que, de certa forma, sua ação contra a pobreza não se deve a sentimentos humanitários, e sim a uma continuação de seu esteticismo – a pobreza deve ser afastada não porque causa sofrimentos, mas porque é feia, perturba a fruição estética da beleza natural da serra. Isso necessariamente limitaria o alcance de suas ações e denunciaria a presença de uma visão paternalista de sociedade no romance e o caráter messiânico de seu apregoado socialismo (o que seria confirmado pela profecia da transformação de Jacinto em santo).

Para a compreensão do romance, o episódio é importante por revelar que a oposição cidade X serra, ou campo X cidade, ou França X Portugal não é simplista, quer dizer, não é a idealização de um dos polos contra o outro. Se o culto da modernidade na vida parisiense de Jacinto era frívolo e superficial, se a vida moderna na capital francesa corre o tempo todo o risco da esterilidade, a descoberta da beleza e plenitude da vida nas serras não esconde a necessidade de tirá-las do atraso. Nesse sentido, a chaga serve de corretivo à idealização igualmente frívola da vida simples e – na medida em que Jacinto não deixará de introduzir algumas conquistas da civilização (como o telefone) em suas propriedades – mostra que o romance se orienta pela busca do equilíbrio entre civilização e natureza, e não pela oposição entre elas.

Questão 12

a)

O capítulo estabelece um contraste com os demais do livro opondo a alegria e a despreocupação do momento em que os capitães da areia brincam no carrossel à luta pela sobrevivência que os ocupa ao longo de todo o romance. Nesse sentido, o capítulo lhes restitui a infância roubada por preocupações que deveriam ser apenas dos adultos. Elementos desse contraste são a alegria da música em lugar da fome. O carinho da vida em família – nesse momento são todos irmãos – em lugar da solidão. A cidade como um imenso brinquedo, e não como o lugar da luta pela sobrevivência, cheio de perigos. Em resumo: a inocência da infância em lugar da consciência da vida adulta.

b)

Capitães da Areia é um romance sobre a infância abandonada. Em contraste com os demais capítulos do livro, que acentuam a precocidade dos Capitães da Areia, este acentua o fato de ainda serem crianças. O ponto de vista do romance, portanto, é o de que suas atitudes violentas são decorrentes da carência de tudo o que caracterizaria uma infância feliz – eram todos sem carinho e sem conforto. No momento em que recebem o carinho e o conforto da música, esquecem o seu dia a dia violento, e mesmo os seus sonhos de triunfarem pela violência – como chefes de bando, cangaceiros – ou de fugirem dela pela morte. A imagem da cidade, palco de suas ações violentas, ganhando a aparência de um grande brinquedo, um grande carrossel, está em consonância com a proposta de revolução política do romance, que é responsável por seu desfecho, afinal, esperançoso.